

REPENSANDO MITOS CONTEMPORÂNEOS: O CAPACITISMO

Carla VENDRAMIN¹

Resumo:

O texto aciona a pergunta: que mitos sobre o corpo e direitos humanos se revelam na relação com o capacitismo e como olhamos para eles? Capacitismo é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que as define como menos capazes. Trazendo pensamentos de artistas com deficiência que fazem parte da cena da dança, o texto reflete sobre o paradigma da visibilidade-invisibilidade e hipervisibilidade e sobre o fato de entendermos o mundo a partir de corpos padronizados.

Palavras-Chave: *capacitismo, dança, deficiência.*

Abstract:

The text raises the question about which myths of the body and human rights are revealed in relation to ableism, and how we are looking at them? Ableism reads people with disabilities, assuming that their body condition is something that defines them as less able. Bringing thoughts of disabled artists who are part of the dance scene, the text reflects on the paradigm of visibility-invisibility and hypervisibility and the fact that we understand the world from standardized bodies.

Keywords: *ableism, dance, disability.*

¹ Carla Vendramin é artista-docente-pesquisadora do Curso de Graduação em Dança ESEFID/ UFRGS. É pesquisadora da área da dança e deficiência e atualmente é doutoranda PPGAC - UNICAMP, com pesquisa na área da somática e eco-somática, sob orientação da Profa. Dra. Silvia Geraldi.

Capacitismo é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes. Campbell (2008) aponta que o capacitismo internalizado deflagra uma dificuldade social em interrogar-se pela diferença, e resulta em perceber pessoas com deficiência como seres menos humanos. Segundo Dias (2013), os elementos estruturantes do capacitismo são decorrentes do histórico de eugenia sofrido pelas pessoas com deficiência, das implicações da normatização e, de forma mais recente, da ofensiva do neoliberalismo. Está relacionado a uma compreensão normatizada e autoritária sobre o padrão corporal humano, que deflagra uma crença de que corpos desviantes serão consequentemente insuficientes, seja diminuindo seus direitos e mesmo o direito à vida em si, seja de maneira conceitual e estética, na realização de alguma tarefa específica, ou na determinação de que essas sejam pessoas naturalmente não saudáveis. A relação de insuficiência desses corpos é projetada sobre os sujeitos que são fixados como incapazes devido à sua condição, assim, sem que se faça menção aos fatores ambientais, relacionais, sociais e de variação de possibilidades, que envolve o fato de alguém poder fazer algo ou não, ou ter capacidade para determinada coisa. Na esfera da nomeação dos "ismos" e "obias" (racismo, machismo, homofobia, etc.), tenho percebido que o capacitismo chega por último, pois é uma palavra que ainda é desconhecida por muitas pessoas.

Entre tantas riquezas trazidas na fala de Ailton Krenak² (UFJF) na palestra de abertura do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos SOFIA: entre o saber e o não saber nos processos artísticos, ele apontou que categorizamos pessoas como humanos e sub-humanos e, portanto, com distinção quanto aos direitos básicos que existe entre uns e outros. O simpósio, e a recorrência de fatos que venho vivenciando, acionaram em mim a pergunta: que mitos sobre o corpo e direitos humanos se revelam na relação com o capacitismo? Como e o quanto estamos olhando para eles?

Oliveira (2019) apresenta o conceito de bipedia compulsória, compreendida como

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jb4zkFTg3Wo&feature=youtu.be>> Acesso em 06/10/2019

a estrutura sócio-política determinante nas relações e na organização social, a partir da perspectiva de quem não possui deficiência e reconhecendo o mundo exclusivamente pautado pelas suas demandas, considerando todos aqueles que não fazem parte do seu grupo como incapazes, inaptos e inferiores. Também no campo da Dança, ainda é possível perceber um pensamento segregador e hegemônico em relação aos corpos com ou sem deficiência, entendidos entre a distinção de corpos aptos ou desabilitados para dançar. (OLIVEIRA, 2019, p. 02).

Oliveira resolveu desenvolver o conceito de bipedia na sua pesquisa de doutorado devido às inúmeras experiências negativas que ele e outras pessoas com deficiência sofrem no dia a dia³. Parece existir uma grande distância entre o discurso de acessibilidade e direitos humanos que se faz na contemporaneidade e o exercício de percepção e reconhecimento do capacitismo.

Muitas vezes o capacitismo está presente em situações sutis e subliminares, acionado pela repetição de um senso comum que imediatamente liga a imagem da pessoa com deficiência a alguma das variações dos estigmas construídos socialmente, aos quais se está habituado e, por isso, tendem a não serem percebidos e questionados. Porém, quando o capacitismo é óbvio e visível, ele declara uma outra coisa, ele mostra o quanto esse preconceito ainda é naturalizado como se fosse aceitável ou inevitável. A recorrência dessas experiências é frequente, em variados graus, na vida de diferentes pessoas com deficiência. A questão se centra em pensar como lidamos com esse assunto e o que isso revela sobre a sociedade em que vivemos. Que outras questões surgem quando examinadas através da criação em artes, da prática pedagógica na dança e das premissas que fazemos sobre o corpo dançante?

A acessibilidade se refere a seis dimensões: i) barreiras arquitetônicas (físicas); ii) barreiras comunicacionais (acesso à informação), iii) barreiras metodológicas (adequação de métodos e técnicas para o acesso de Pessoas com Deficiência à educação, cultura e lazer); iv) barreiras instrumentais (adequação de ferramentas e utensílios); v) barreiras programáticas (políticas públicas,

³ Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/voces-bipedes-me-cansam/>>
Acesso em 06/10/2019.

legislações, e normas); vi) barreiras atitudinais. A acessibilidade atitudinal se refere ao capacitismo; preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações ecoadas no comportamento da sociedade na relação com pessoas com deficiência.

O conceito do Desenho Universal de Acessibilidade surgiu na área de arquitetura com o objetivo de organizar o uso do espaço de forma a atingir amplamente a diversidade humana e um número maior de pessoas. Além das Pessoas com Deficiência (PcDs), abrange também mulheres grávidas, idosos, pessoas de estatura baixa, o uso de carrinhos de bebês, etc. Posteriormente, o Desenho Universal começou a ser usado também com relação a outras dimensões da acessibilidade, além da arquitetônica.

Com frequência, o discurso da acessibilidade corre o risco de virar um estereótipo, assim como também acontece com o estereótipo da inclusão. É preciso discriminar e reconhecer os diferentes tipos de acessibilidade e barreiras, e como somos capacitistas. Repetidamente, a acessibilidade é entendida e reconhecida apenas, ou mais predominantemente, na sua dimensão arquitetônica. Enquanto isso, a acessibilidade atitudinal é uma que depende de uma prática de auto-percepção, conhecimento e análise.

No documentário GIMP (2015)⁴ apresentado por Richard Move no simpósio SOFIA, os dançarinos com deficiência falam do paradoxo da visibilidade-invisibilidade, a respeito de preceitos sociais predominantes sobre a beleza, sobre as atitudes paternalistas, sobre a inabilidade de falar francamente sobre deficiência e a percepção negativa que a sociedade tem a respeito dela.

Kuppers (2004) discorreu sobre a visibilidade-invisibilidade e hipervisibilidade das pessoas com deficiência, frente ao enquadramento de olhares de aprisionamento da identidade. A hipervisibilidade opera com um olhar sobre a deficiência que rouba todos os outros itens que definem a identidade. A invisibilidade opera como um desvio do olhar, diminuição ou negligenciamento da presença do "outro desviante", ao qual não se sabe lidar ou causa desconforto. Hipervisibilidade e (in)visibilidade operam como opostos complementares que reduzem pessoas com deficiência a estigmas historicamente e socialmente construídos. O estereótipo trágico-herói atua fixando o imaginário sobre a identidade de pessoas com

4 Disponível em: <http://www.move-itproductions.com/GIMP/GIMP-The_Documentary.html>
Acesso em 06/10/2019

deficiência nos estigmas do herói (discurso da superação) ou do coitado-trágico (discurso da caridade e/ou emocionalidade).

Muitas dessas relações foram analisadas com o surgimento dos Estudos da Deficiência nos anos 80 no Reino Unido e EUA e posteriormente no Brasil (MELLO, 2013; BORGES 2018), com a análise dos modelos sobre deficiência e desta como um fenômeno não apenas centrado na condição corporal dos indivíduos, com a adoção formal do Modelo Social da Deficiência no Brasil, decreto 186 de 2008⁵ (DINIZ 2009), e por autores das artes cênicas (KUPPERS 2004; MILLET-GALLANT 2010; TEIXEIRA 2010-2011-2015-2016; SOMERA, 2019; VENDRAMIN, 2019). As informações encontradas na ferramenta online *Resilience and Inclusion*, desenvolvida pela Universidade de Coventry/ C-Dare (Centro de Pesquisa em Dança), reconhece que existem muitos debates sobre como a deficiência é entendida culturalmente, sendo que os modelos médico e social são os mais frequentemente discutidos. A ferramenta apresenta as seguintes variações sobre como a deficiência pode ser vista: Modelo Religioso ou Moral; Modelo de Caridade ou de Tragédia; Modelo Médico/Individual de Inferioridade Biológica ou Limitação Funcional, Modelo Profissional ou Especialista; Modelo de Reabilitação; Modelo Econômico; Modelo Social ou de Grupo Minoritário; Modelo Baseado em Direitos; Modelo de Empoderamento ou de Clientela; e Modelo Afirmativo⁶.

É preciso considerar que, como professores, somos condicionados à influência do padrão corporal normalizador e do ensino tradicional da dança. Assim, com frequência, partimos de suposições e relações capacitistas, que não são eminentemente reconhecidas. O capacitismo se caracteriza por atitudes intencionais ou não, subliminares e internalizadas, que estão embutidas na sociedade. O ensino de uma sequência de movimentos é realizado, amiúde e de forma generalizada, através da cópia do padrão e sem a investigação de possibilidades de variação. Dance Unstuck⁷ disponibiliza um glossário de modos de pensar as diferenças e meios de praticar o ensino do balé clássico. A metodologia foi desenvolvida pelo artista pesquisador Jurg Koch a partir do conceito de

5 Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2008/decretolegislativo-186-9-julho-2008-577811-norma-pl.html>> Acesso em 07/11/2019

6 Disponível em: <<https://openmoodle.coventry.ac.uk/mod/page/view.php?id=19253>> Acesso em: 06/10/2019

7 Disponível em: <<http://https://danceunstuck.co.uk/gdance-glossary/>> Acesso em: 06/10/2019

Desenho Universal de Instruções⁸. A pesquisa realizada no Reino Unido entre 2015 a 2017 culminou com uma declaração do *Royal Academy of Dance*, absorvendo adaptações e material individualizado nos exercícios programáticos de exames de mudança de nível técnico⁹.

O legado deixado por vários dos artistas da dança que fizeram parte do coletivo *Judson Church* nos E.U.A. nos informa, desde os anos 1960, que todo corpo pode dançar e que todo o movimento pode ser dança. Artistas contemporâneos exploram também uma variação infinita de possibilidades do corpo e sobre o que pode ser dança, e também criam de forma a abranger pessoas com deficiência. O embate capacitista não está na possibilidade criativa da dança ou na possibilidade de recriação de modos de ensino de seus variados gêneros. O embate parece estar em dois fatores principais: a) quando existe um comprometimento em manter uma estética padronizada da dança e normatizada de corpo, e um determinado status, poder e modelo de beleza que são alimentados para investir em uma acomodação da repetição desses parâmetros; b) pela falta de familiaridade e de conhecimento sobre o universo das pessoas com deficiência, e a falta de reflexões e prática da dança relacionadas a elas.

Teixeira (2015, 2016, 2019) analisa a dança produzida por artistas com deficiência através da criação de seus corpos, propondo as noções de Estética da Experiência e Impossibilidade, segundo ela

a experiência da deficiência cria duas realidades: primeiro, a dificuldade política de ser reconhecido como uma pessoa com direitos na sociedade; segundo as dificuldades de ser um artista ao mesmo tempo que nos vemos apenas como um semi artista. Os artistas com deficiência negociam essas duas situações de impossibilidade no corpo e na realidade social para criar. Assim, precisam passar pelas situações mais precárias (financeira, social) para obterem o direito de ser artistas. Pobreza, inacessibilidade, violência, discriminação, protecionismo, falta de credibilidade e status profissional são rotinas no Brasil, e estão diretamente ligados a nossos corpos com

8 Disponível em: <<https://danceunstuck.co.uk/universal-design-for-instruction/>> Acesso em: 06/10/2019

9 Disponível em: <<https://danceunstuck.co.uk/approach-to-the-research/>> Acesso em: 06/10/2019

deficiência que ainda são interpretados como socialmente anômalos. Por outro lado, o artista que está plenamente ciente de tudo isso pode resistir a essa situação. (TEIXEIRA, 2019, p. 75).

Teixeira (2019) indica que o modelo eficientista e a diligência capitalista da eficiência sobre os corpos, enfatiza a necessidade de virtuosismo em contraposição à deficiência e à experiência de impossibilidade como estética e potencial criativo. A palavra dividida em d/eficiência, provoca a visibilidade do tensionamento entre eficiência e deficiência, que se apresenta no âmbito social e não unicamente centrado nos sujeitos.

De acordo com o site da 11ª Bienal de Dança¹⁰, esta trouxe espetáculos que articularam sobre “como a capacidade de resiliência humana e invisibilização de corpos marginalizados reverberam para além do espaço cênico”. Enquanto a Bienal de Dança apresentou uma necessidade premente de visibilidade e relação com as diferenças no contexto político brasileiro, penso também que ela demorou para trazer à tona as obras artísticas desses corpos, especialmente no que se refere à d/eficiência, que possui ainda menos representatividade na cena da dança dominante. Foram apresentados os espetáculos: *Happy Island* do grupo Dançando com a Diferença, coreografia de La Ribot e direção de Henrique Amoedo; *O Canto dos Malditos* de Marcos Abranches; *Every Body Eletric* de Doris Uhlich; *Bando: Dança Que Ninguém Quer Ver* da companhia Giradança com coreografia e direção de Alexandre Américo; além de outros artistas que não somente questionam a condição de corpos desviantes, mas também marginalizados.

Os trabalhos que assisti, e as conversas com amigos e profissionais da dança me deixaram as seguintes perguntas: Em que medida saber sobre os conceitos da deficiência, e o conhecimento sobre os contextos e processos que envolvem diferentes grupos de dançarinos com deficiência são importantes para a leitura das obras artísticas e a construção de um público informado e crítico a ponto de poderem analisar seus próprios pressupostos capacitistas? Como dimensionar uma obra artística quando ainda se está na fase de, primeiramente, precisar existir com mais constância nos espaços culturais para que o público tenha um

10 Disponível em: <<https://bienaldedanca.sescsp.org.br/sobre/>> Acesso em 06/10/2019.

repertório maior de conhecimento e se possa ter um campo contínuo de prática e de crítica? Como ampliar o conhecimento desses trabalhos na dança, através da fala dos diferentes artistas com deficiência sobre suas criações e inteirando-se sobre questões relacionadas à d/eficiência na perspectiva trazida por eles, pelos coreógrafos e diretores?

A oficina da professora da UFSM Anamaria Fernandes no III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos SOFIA: entre o saber e o não saber nos processos artísticos, proporcionou olhar com os olhos, olhar de olhos fechados, olhar alguém e se deixar ser olhado, provocando outras formas de olhar. A variação do olhar, movido pela experiência da professora Anamaria Fernandes no contato com pessoas com deficiência visual, proporcionou mergulhar em sensorialidades, poéticas de encontro e improvisação em dança, e poéticas impulsionadas pelas possibilidades provocadas criativamente pela audiodescrição do movimento. Em determinado momento ela indicou que “abandonássemos o projeto”. Abandonando o projeto sobre a primeira forma de relação com o outro, abrimos descobertas sobre outras formas de enxergar, perceber e comunicar.

Referências:

BORGES, J. A. de S. Políticas da Pessoa com Deficiência no Brasil: Percorrendo o Labirinto. 2018. 427fl. Tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Porto Alegre/RS, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181459>> Acesso em: 06/10/2019.

CAMPBELL, F. K. Exploring Internalized Ableism using Critical Race Theory. *Disability & Society* 23:2, 2008: 151–162.

DIAS, A. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPCD/ Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sur/v6n11/04.pdf>>. Acesso em: 06/10/2019.

KUPPERS, P. Disability and contemporary performance: bodies on edge. Cornwall: TJ International, 2004.

MELLO, A. G., NUERNBERG, A.H., & BLOCK, P. (2013a) Estudos sobre Deficiência no Brasil: passado, presente e futuro. Annual International Disability Studies Symposium, São Paulo, Brazil, June 20, 2013.

MILLETT-GALLAT, A. The Disabled Body in Contemporary Art. Palgrave Macmillan: New York, 2010.

OLIVEIRA. E.; RIBEIRO N.; SANTOS, C. Sobre uma prática da consideração: subvertendo as estruturas da Bipedia Compulsória na Dança. II Encontro Internacional de Cultura, Linguagens, e Tecnologias do Recôncavo. Desafios Interdisciplinares: Trilhas da Resiliência. Santo Amaro, BA: de 24 a 29 de setembro de 2019.

SOMERA, N. O artista com deficiência no Brasil. Editora Appris: Curitiba, 2019.

TEIXEIRA, C. Danças Impossíveis: encenando a deficiência no Brasil. In: Vendramin, C; Blades, H.; Whatley, S; Marsh, K. (org). Trocando, movendo, traduzindo: pensamentos sobre dança e deficiência | Exchanging, moving, translating: thoughts on dance and disability. – Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/prorext/wp-content/uploads/2019/08/eBook-Trocando-movendo-traduzindo-pensamentos-sobre-danca-e-deficiencia-2.pdf>>. Acesso em 06/10/2019.

_____. A Estética da Experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos. 2016. 239fl. Tese de doutorado. Orientadora: Maria Albertina Silva Grebler. Escola de Dança/Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2016.

_____. Impossible Dances: Staging Disability in Brazil.

Choreographic Practices. vol 6., no 1, 2015. p. 9-23.

_____. Deficiência em cena. 1º edição. João Pessoa: Ideia, 2011.

_____. Deficiência em Cena: o corpo deficiente entre criações e subversões. O Mosaico. Rev Pesquisa em Artes/FAP, Curitiba, n.3, jan/junho 2010. p. 1-9.

VENDRAMIN, C; BLADES, H.; WHATLEY, S; MARSH, K. (org). Trocando, movendo, traduzindo: pensamentos sobre dança e deficiência | Exchanging, moving, translating: thoughts on dance and disability. – Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/prorext/wp-content/uploads/2019/08/eBook-Trocando-movendo-traduzindo-pensamentos-sobre-dança-e-deficiência-2.pdf>>. Acesso em 06/10/2019.